

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1232
LEAH

DIVINA HELENA NAVES

A Imagem de Getúlio Vargas
no Livro Didático

1232
-1999-

L

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

1351

Data

28/04/2000

Monografia apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal de
Uberlândia para obtenção do título de
Bacharel em História, sob orientação da
Profª Drª. Christina S. Roquette Lopreato.

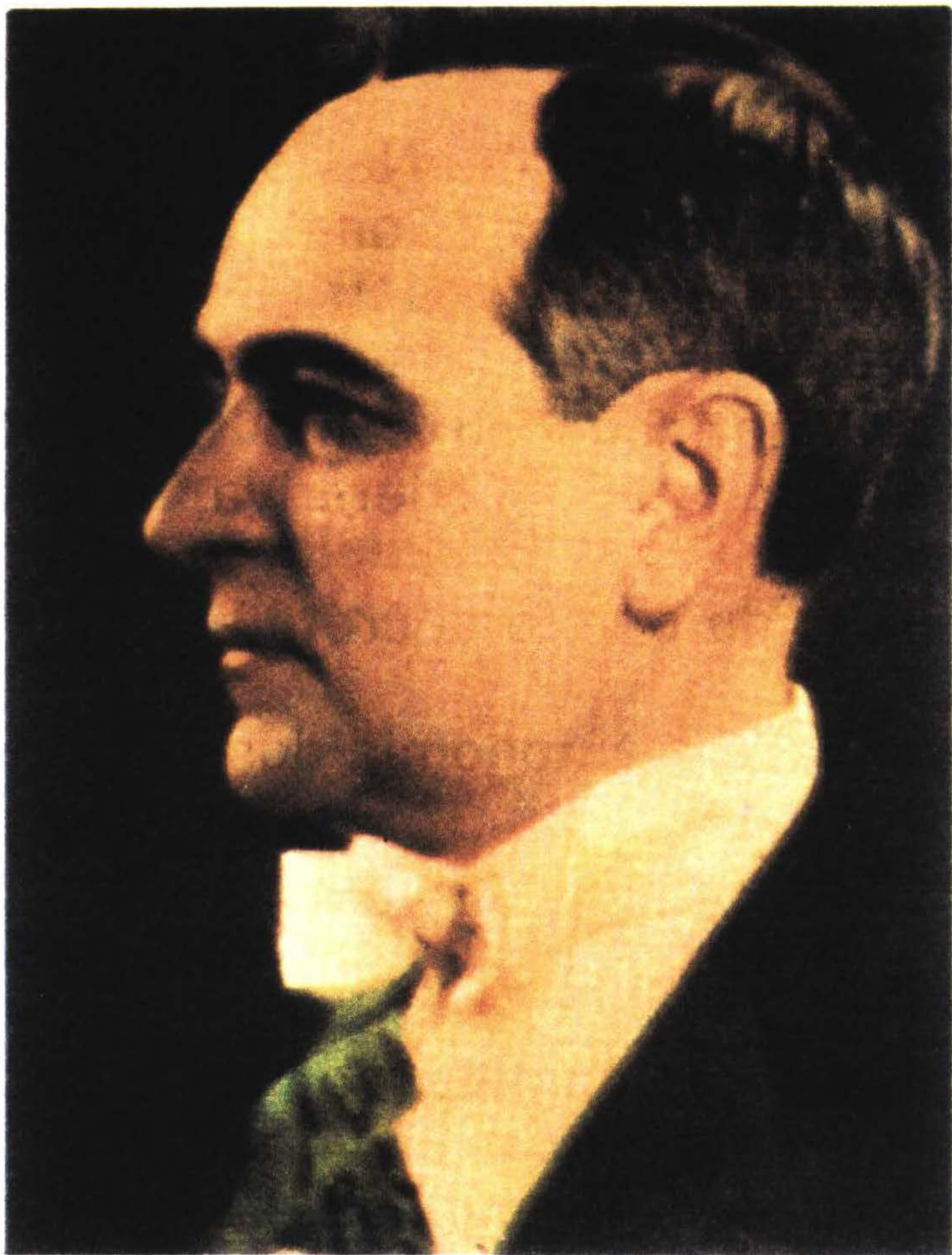
Banca Examinadora:



Profª. Drª. Christina S. Roquette Lopreato

Profª. Jacy Alves de Seixas

Profª. Gizelda Costa Silva Simonini



Getúlio Vargas, em 1935.

"A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinha, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e coisas que têm voz".

Ferreira Gulart

Dedico este trabalho ao Valdir José de Oliveira pela amizade carinhosa estimulando-me nos momentos frágeis.

INTRODUÇÃO

Comecei esta monografia na tentativa de investigar as causas que levam os autores do livro didático a continuar fazendo a mesma interpretação da chamada era Vargas, ou seja, uma história de vencedores. Retratam o período de seus governos com o mesmo discurso, sem inovações, críticas e principalmente criatividade fazendo apenas uma história onde nomes de personagens e datas são o que tem mais importância, apresentando uma história que não tem nada de concreto com o cotidiano da maioria da comunidade escolar.

Escolhi 12 livros didáticos para pesquisa. Destes, me detive em três: *História do Brasil*,¹ *História do Brasil II – Da Independência aos Nossos Dias*¹ e *Brasil, Uma História Dinâmica*.¹ Depois trabalhei com dois livros paradidáticos: *Getúlio Vargas e Sua Época*² e *Nos Tempos de Getúlio – Da Revolução de 30 ao Estado Novo*,³

* HOLANDA, Sérgio Buarque de, *História do Brasil 2 – Da Independência aos Nossos Dias* - Curso Moderno Col. Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, Ed. Nacional, 1º grau, 1975.

* KOSHIBA, Luís, Denise Manzi Frayze Pereira, São Paulo, Ed. Atual, 1979.

* MATTOS, Ilma Rohloff de, DOTTORI, Ella Grinsztein, SILVA, José Luís Werneck da, São Paulo, Ed. Nacional – MEC, 1º grau, 1975.

* * BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues, *Nos Tempos de Getúlio – Da Revolução de 30 ao Fim do Estado Novo*. Ed. Atual, São Paulo, 1990.

* * * FARIA, Antônio Augusto, BARROS, Edgar Luiz de, *Getúlio Vargas e Sua Época*, São Paulo, Ed. Globo, 2ª Ed., 1983.

onde busco ancorar-me em suas interpretações. Também trabalhei a obra de Paulo Miceli *O Mito do Herói Nacional*³ que procura desmistificar alguns heróis de forma bem humorada, objetiva e adequada à compreensão do público a que se destina.

Resolvi trabalhar com livros didáticos editados no período entre 1975 a 1985, partindo do princípio de que estes anos foram anos de transição política no país e que, de alguma maneira, penso que isto possa ter influenciado em comportamentos e mentalidades de toda a sociedade. E, dessa forma, verificar como os autores estão demonstrando este período da história brasileira. Trato especificamente da análise do livro didático tentando acompanhar a elaboração e a concretização do discurso destes historiadores, que acabam por contribuir para a heroicização de Getúlio Dorneles Vargas.

Objetivamos informar a importância do livro didático como instrumento auxiliar na construção de conhecimento histórico e, também, a relevância que ele pode exercer sobre os alunos, além do papel fundamental do professor que ao trabalhar os conteúdos necessita buscar com o livro didático escolhido várias formas de interpretação, através de outros autores e documentos históricos diversos. Os autores do *Livro Didático, Sua Utilização em Classe* afirmam que:

3 MICELI, Paulo, *O Mito do Herói Nacional*, São Paulo, Ed. Contexto, 6ª Edição, 1997.

“... o livro didático como instrumento de ensino promove aprendizagem e também é um suporte do professor para o desenvolvimento do processo. Traz informações e conhecimentos, os assuntos são complexos, variados e interligados. É verdade que nenhum livro deve conter todas as informações e idéias que reflitam a complexidade da atividade humana. Desse modo, é um subsídio que complementa o conteúdo tornando mais eficiente os objetivos a serem alcançados. Esse aspecto apresenta-se ao professor como uma possibilidade de enriquecer a experiência de seus alunos, ajudando-os a perceber situações e pontos de vista diferentes, estabelecer relações e alcançar conclusões próprias”⁴.

E junto a eles analisá-los criticamente promovendo através de debates uma forma diferenciada de compreender a história.

É nosso objetivo também tecer considerações relacionadas a Getúlio Vargas visto através do livro didático que, em sua maioria, apresenta-o como um homem mitificado conforme a fala de Sônia de Deus Rodrigues Bercito:

“A construção da nação tinha em Getúlio Vargas seu grande guia. Sua imagem foi bastante cultivada pela máquina de propaganda do regime. Nas publicações oficiais, nas biografias, nos eventos de massa, nas fotografias afixadas em todos os lugares, enaltecia-se a figura do presidente. Reforçava-se seu poder carismático ora apresentando-o como um homem do povo, ora dotando-o de qualidades excepcionais”⁵.

As causas e conseqüências deste procedimento demonstram que esses livros podem levar os alunos a uma imagem fabricada, conforme os interesses implícitos ou explícitos de quem os escreve.

Como metodologia adotada, inspirei-me nas leituras feitas de alguns textos de Nicholas Davies, como também na leitura do livro da Comissão do MEC - COLTED, dentre outros, os quais utilizo para fazer uma análise crítica

4 COLTED, *O Livro Didático – Sua Utilização em Classe*, MEC, Rio de Janeiro, 1969, pp. 182.

5 BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues, *Nos Tempos de Getúlio – Da Revolução de 30 ao Fim do Estado Novo*. Ed. Atual, São Paulo, 1990, pp. 44

quanto ao livro didático e a forma como ele é trabalhado. Inspirei-me em Paulo Miceli quando busco compreender a questão do herói nacional no âmbito político e social analisando as condições que a própria sociedade propiciava a esse governante astucioso, manipulador de massas na construção de seu discurso nacionalista.

CAPÍTULO 1

A Função do Livro Didático

Nos dias de hoje, o livro didático ainda continua sendo o maior produto cultural divulgado entre os brasileiros que possuem acesso à educação escolar, já que a grande maioria dos alunos de primeiro grau tem neste manual a única forma de enriquecimento do saber. Afinal, a escola, através do MEC (Ministério da Educação e Cultura), fornece o livro adotado no ano em curso. Devemos salientar que tal ministério é um órgão público que envia o material de acordo com os interesses que envolva aspectos econômicos, políticos e sociais do país.

No que diz respeito ao proveito relacionado a este órgão, enumeremos aqui alguns exemplos: as pessoas envolvidas na seleção dos livros não recebem orientação quanto à qualidade do material e falta interesse do governo em selecionar as ofertas das editoras. Estas são algumas das questões que fazem parte da política do MEC. Observamos isso melhor pela fala de Maria Abadia Peres

"... Primeiramente, o descaso das autoridades governamentais, já que elas não têm o mínimo interesse em que haja um bom aprendizado dos alunos, pois manter uma população alheia à problemática social é mais interessante do que levar-lhe a luz; em segundo lugar, os interesses econômicos, ou seja, a constituição da indústria do livro didático, que alfre milhões todos os anos."¹.

Dentro deste parâmetro, é importante ressaltar que os livros didáticos são utilizados por muitos educadores, sem uma prévia análise dos conteúdos, das ilustrações, enfim, do livro como um todo. Ele é abordado apenas em seu sumário ao qual deve se equiparar com o planejamento anual da disciplina em questão. Esse fato, muitas vezes, ocorre devido as condições que os professores enfrentam como: a precariedade dos salários que obriga os docentes a jornada de trabalho dupla e/ou tripla para sua subsistência; a falta de materiais e recursos didáticos tanto para pesquisa quanto para utilização dos alunos; o inexistente tempo disponível para leituras e pesquisas e, também, a escassez de profissionais capacitados que orientem, auxiliem e facilitem adequadamente o trabalho dos docentes.

Esta situação é também colocada por Nicholas Davies², conforme observação feita por Franco em 1982.

1 PERES, Maria Abadia, *O Livro Didático em Discussão*, ano 2, Uberlândia, Revista do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, jan. 1995, pp. 20.

2 FRANCO, Maria Laura P. B. *O Livro Didático e História no Brasil: A Versão Fabricada*, São Paulo, Global Editora, 1982.

"(...) em pesquisa junto a 347 professores de História do Brasil para o 2º grau, 80% deles afirmam 'utilizar livros didáticos para ministrar aulas de História.'"

Tal expediente não reflete necessariamente má formação ou incompetência do professor de História que, com baixos salários, é obrigado a dar muitas aulas e, em consequência, não dispõe de tempo para ler livros (nem dinheiro para comprá-los) que não sejam os didáticos e preparar aulas mais ricas. Diante da grande dependência do professor em relação ao livro didático, a sua análise adquire mais relevância ainda."³

Essas são algumas das dificuldades encontradas pelos professores que estão em atividade, que contribuem para motivar os profissionais nos desafios do cotidiano escolar. Consequentemente, coopera negativamente para a construção do conhecimento histórico.

É relevante explicitar que o uso do livro didático, nestas condições, não promove questionamentos, confrontos e críticas que possam elevar o nível de conhecimento, mas sim, colaboram para a formação de indivíduos passivos, acríticos, submissos às ideologias dominantes.

Esta ênfase dada ao livro didático, como fonte de leitura em sala de aula, é discutida por vários estudiosos e pesquisadores sobre o assunto e no qual podemos observar na afirmação feita por Nicholas Davies.

"(...) no contexto brasileiro, de privação de outras fontes de leitura para grande parte da população, o livro didático adquire uma importância inimaginável para sua formação cultural e ideológica."⁴

3 DAVIES, Nicholas. *O Livro Didático de História: Ideologia Dominante ou Ideologias Contraditórias?*. In: Caderno de História, Uberlândia: Edufu, v. 5, nº 5, jan/dez. 1994, pp. 30.

4 Idem. pp. 30.

Isto ocorre porque a maioria dos alunos da rede municipal e estadual de ensino não dispõe de condições econômicas que os possibilitem adquirir outras fontes de leitura.

Entendemos que o livro didático não deve ser considerado o “vilão” da história, como podemos observar. Devido as condições reais vividas por muitos profissionais da educação, ele torna-se um dos principais instrumentos para o seu trabalho.

Compreendemos melhor pela análise da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático:

“(…), o livro didático é suporte de um trabalho desenvolvido por professores e alunos não pode, portanto, ser um elemento isolado dentro do contexto escolar, mas deve manter uma correlação elevada e positiva com os demais elementos do processo educativo.”⁵

Cabe aos profissionais da educação fazerem uma análise do livro a ser adotado e utilizá-lo não como fonte única e verdadeira, mas sim, como um dos instrumentos que subsidie o seu trabalho.

Segundo a comissão do livro técnico e do livro didático,

“(…) o livro didático deve tratar de um assunto abrangente, dentro do espírito e da finalidade a que se propõe. Isto significa que seu conteúdo deve conter aspectos sociais mais amplos.

As idéias, os fatos apresentados no livro devem fornecer a compreensão, estabelecer relações, desenvolver o pensamento crítico e a solução de problemas, bem como a generalização que se possam aplicar em situações cotidianas.”⁶

5 Colted, *O Livro Didático - Sua Utilização em Classe*, Rio de Janeiro, MEC, 1970. pp. 31

6 Idem. pp. 182.

Daí a necessidade de procurar livros que trazem melhor qualidade dentro de seus conteúdos. Objetivamos com estas observações contribuir no sentido de analisar como a figura de Getúlio Vargas está sendo abordado nos livros didáticos. Para isso, analisamos 12 livros, editados entre 1975 a 1985, referente ao Ensino de Primeiro Grau.

Procurando entender melhor o período citado relacionando a imagem que é apresentada pelos livros, propusemos fazer a análise de alguns livros de História do Brasil do período em questão, mostrando a forma a qual são passados o conteúdo aos alunos.

1.1 – A Imagem de Getúlio no Livro Didático

Iremos neste tópico nos referir às ilustrações dos livros *História do Brasil 2 – Da Independência aos Nossos Dias*, *Brasil uma História Dinâmica* e *História do Brasil*. Nos livros didáticos analisados, observamos que, em sua maioria, as ilustrações referem-se a Vargas como um trabalhador, um presidente que está perto de seu povo. As fotos apresentadas no livro *História do Brasil 2 – Da Independência aos Nossos Dias*, demonstram a prioridade do

autor ao retratar a política através de fotos da Revolução de 1930, onde seus participantes aparecem destruindo algumas casas da cidade de São Paulo. Em outras ilustrações, percebe-se que a ênfase que o autor dá a temática é mais voltada a economia e industrialização. Notamos isso através das fotos de prédios, área do carvão (pp. 108) em Santa Catarina, aeroporto e também rodovias (pp.108 e 109).

No livro de Paulo Miranda, as fotos das pp. 150 e 152 nos mostram as medalhas da Revolução de 1930 e também da Revolução de 1932 juntamente com anéis e alianças que eram doados com o objetivo de arrecadar dinheiro para manter a revolução. A pp. 154 registra as moedas de um mil réis do Império e da República e a moeda de um cruzeiro de 1943.

As fotos mostram as obras feitas no governo de Getúlio. Apesar do livro ser pobre em ilustrações, percebemos que o autor pretende mostrar os feitos deste governo. Desta forma, concluímos que as fotos são voltadas aos interesses da classe dominante, excluindo os trabalhadores e sua luta por melhores condições de vida.

Outra ilustração bastante divulgada é a que se refere a Segunda Guerra Mundial e aos soldados brasileiros lutando nos campos italianos. Na obra de Ládmo Valuce, *História do Brasil*, o autor mostra a característica deste quadro quando afirma que:

"... soldados seguiram em busca de vingança pela afronta feita à Pátria. Souberam honrar a tradição militar brasileira, prestando valiosa contribuição às forças democráticas na luta contra as nações totalitárias."⁷

Reforça assim, o patriotismo e o nacionalismo, características essenciais difundidas pelo governo de Vargas, permeando e justificando todas as realizações deste governo.

No livro *Brasil Uma História Dinâmica*, os autores Ilmar Rohloff de Mattos, Ella Grinsztein Dottori e José Luís Werneck da Silva, usam mais ilustrações que os livros já mencionados e nem por isso mudam a abordagem. Apresentam fotos de Getúlio chegando à capital sendo recebido com grande entusiasmo pelo povo (esta foto faz parte praticamente de todos os manuais). Neste livro, os autores procuram trabalhar mais com ilustrações mostrando fotos e, em especial, um cartaz anti-getulista (pp.123) feito durante a Revolução Constitucionalista. Ressaltamos que, nestes livros, os autores procuram mostrar os opositores de Vargas não só nos textos mas, também, nas ilustrações, não deixando de enfatizar as benfeitorias do presidente tais como: o marco do primeiro posto de petróleo no Brasil, a Companhia Vale do Rio Doce e a Usina Siderúrgica de Volta Redonda, priorizando a industrialização.

⁷ VALUCE, Ládmo. *História do Brasil – Ensino de Primeiro Grau*. São Paulo, Editora do Brasil, 1975, pp. 254.

Neste livro percebe-se que os autores abordam outros aspectos quando discutem a metodologia, buscando despertar nos alunos o espírito da pesquisa, da observação mostrando que a história possui fontes variadas de pesquisa como: fotos, músicas, poesias, pinturas entre outros documentos históricos.

CAPÍTULO 2

Getúlio Vargas, Sua Vida e Sua Trajetória Política

"(...) A história não é sucessão de fatos no tempo, não é progresso das idéias, mas o modo como homens determinados em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem ou transformam essa existência social que é econômica, política e cultural."

Marilena de Souza Chauí

Como nos afirma Marilena Chauí:

*"A história não é sucessão de fatos no tempo (...)."*¹

E é a partir dessa reformulação que iremos analisar, neste

1 CHAUI, Marilena de Souza. : *O que é Ideologia*. 11ª edição. Ed. Brasiliense. (cidade), 1982, pp. 20.

capítulo, o governo de Getúlio Vargas que se inicia a partir de 1930 e se estende até 1945, como também fazer uma breve análise do período de 50 a 54 no qual Getúlio governou o país, além de sua representação nos livros didáticos. O que gostaríamos de salientar é a forma com que os livros criam a figura de Vargas, sem considerar que foram as condições, os meios propícios tanto econômico, político, sociais e culturais que determinaram o seu governo e foram facilitadores para propagar uma imagem que se transformou em mito depois de sua morte.

Começamos então a tecer a trajetória política feita por Getúlio Vargas, homem habilidoso que sabia manipular e tirar proveito das situações em seu favor. Getúlio Dornelles Vargas nasceu em 19 de abril de 1883, na cidade de São Borja, Rio Grande do Sul. Sua infância e adolescência foram influenciadas pela cultura local como nos afirma os autores da obra *Getúlio Vargas e Sua Época*².

Getúlio Vargas serviu o exército, mas foi sua vida acadêmica que lhe deu base teórica para sua futura vida política:

"Na qual fez parte de um grupo, constituído por João Neves da Fontoura, Osvaldo Aranha, Lindolfo Collor e Maurício Cardoso, entre outros. Com eles Vargas leu e discutiu os escritores que marcaram a época: Nietzsche, Zola, Comte, Eça de Queiroz e Anatole France..."³

2 Idem pp. 17.

3 Idem pp. 17..

Em sua vida política, Getúlio Vargas se inspirou e influenciou em Júlio de Castilho e Pinheiro Machado.⁴ É necessário citar estas influências porque foram marcantes para seu governo e também para melhor compreensão do seu modo de pensar e agir.

Getúlio, até chegar ao poder, passou por vários cargos políticos. Porém, foi nos últimos meses da década de 20 que se projetou no cenário político nacional.

Dessa forma, abriram-se as portas para seu governo a partir de 03 de novembro de 1930, quando foi chefe do governo provisório até 1934; em seguida como presidente constitucional de 1934 a 1937; e, finalmente, como ditador de 1937 a 1945, governo este que durou 15 anos.

Ao estudarmos como Getúlio Vargas é apresentado nos livros didáticos editados no período, podemos observar que, em sua maioria, apresentam-se quadros cronológicos, buscando apresentar os principais fatos ocorridos e ligados a datas e divididos cronologicamente entre governo revolucionário e provisório, o governo constitucional e por último, governo ditatorial.

4 Idem, pp. 17.

O governo provisório foi marcado por importantes modificações na vida do país. Durante esse governo, foram nomeados interventores para governarem os estados. O Congresso, as Assembléias Estaduais e as Câmaras Municipais foram dissolvidas, assim como parte da Carta Magna de 1891. Com isso, tornou-se sem efeito juntamente com as garantias constitucionais além dos direitos dos cidadãos que também foram suspensos. Estas são informações baseadas nos comentários feitos nas obras *História do Brasil 2 – Da Independência aos Nossos Dias*, *História do Brasil: o Império, a República e o Brasil Contemporâneo* e *História do Brasil*.

Mesmo com essas medidas centralizadoras da administração governamental, convém lembrar algumas das realizações que fazem parte do governo provisório: foi criado em 1930 o Ministério da Educação e Saúde e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Foi através da criação desses órgãos que se deu a reforma do ensino e teve início a elaboração das leis trabalhistas; a organização financeira do país; a política de valorização do café. Além disso, o governo enfrentou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, movimento reprimido pelas tropas federais. Os integrantes do movimento saíram com uma vitória “moral”, pois uma das principais exigências foi atendida pelo governo federal: a elaboração de uma nova Constituição. Logo após a promulgação da nova Constituição, a Assembléia Constituinte elegeu Getúlio Vargas para presidente da República. Na Constituição, ficou

determinado que as mulheres teriam direito ao voto e os maiores de 18 anos (menos os analfabetos), o voto secreto e direito para os cargos eletivos incluindo o de presidente, ressaltando que o primeiro presidente deveria ser eleito pela própria Constituição. Isto foi articulado pelos partidários de Vargas, que pretendiam que ele continuasse no governo anterior.

Termina assim o governo provisório e começa o período em que Vargas governará como presidente constitucional. Durante o governo constitucional, foram eleitas assembleias constituintes estaduais, as quais elaboraram as constituições estaduais e elegeram seus governantes, restabelecendo a autonomia dos estados. Enquanto isso, o governo federal continuou com as mudanças iniciadas no governo anterior; vários institutos de previdência social foram criados, hoje reunidos no INSS.

No governo constitucional, as forças políticas nacionais entre governo, oposição, Câmara, Senado e imprensa se atacavam constantemente. Estas oposições visavam mais interesses pessoais que princípios ideológicos. Vários grupos com idéias exaltadas procuravam apoio do governo, entre eles a Ação Integralista Brasileira, com idéias facistas e a Aliança Nacional Libertadora que constituía uma frente de oposição não só aos integralistas, mas também, ao governo de Vargas. Em 1935, a Aliança Nacional Libertadora organizou um movimento denominado Intentona Comunista que objetivava derrubar Getúlio. O movimento acabou sendo esmagado por tropas fiéis ao governo federal.



- Getúlio Vargas proclamando o Estado Novo, na noite de 10/11/1937.

Logo depois teve início uma violenta repressão contra qualquer suspeito de ligação com o movimento. Apesar da perseguição aos comunistas, os integralistas continuavam sendo uma pedra no pé do presidente e é nesse ambiente de intranquilidade que o mandato de Vargas vai chegando ao fim.

A sucessão presidencial passou a ser discutida no âmbito político, mas Getúlio queria permanecer no poder e para isso forjou um plano com o apoio do general Góis Monteiro (chefe-maior do Estado), do ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra e do chefe da polícia do Distrito Federal, Filinto Muller. Mesmo sabendo que teria o apoio da maioria dos governadores estaduais e dos comandantes do exército, viu a necessidade de criar um clima favorável para justificar o golpe e continuar a ser apoiado pelo povo. Para tanto, os jornais anunciaram que as Forças Armadas descobriram um plano dos comunistas (Plano Cohen). No dia 10 de novembro de 1937, Vargas implanta o período conhecido como Estado Novo e discursa pelo rádio justificando o golpe dizendo ter tomado essa atitude para evitar uma "guerra civil".

Podemos perceber essa justificativa em parte de seu discurso aqui mostrado por Sônia de Deus Rodrigues Bercito que:

"... As exigências do momento histórico e as solicitação do interesse coletivo reclamam, por vezes, imperiosamente, a adoção de medidas que afetam os pressupostos e convenções do regime, os próprios quadros institucionais, os processos e métodos de governo.

Por certo, essa situação especialíssima só se caracteriza sob aspectos graves e decisivos nos períodos de profunda perturbação política, econômica e social." ⁵

5 BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio: Da Revolução de 30 ao Estado Novo*, São Paulo, Ed. Atual, 1990, pp. 33.



Getúlio Vargas, logo após o Golpe de Estado de 1937.

É assim que é instituído o Estado Novo e uma nova Constituição é promulgada, a qual se mostra fortemente centralizadora. O presidente é amparado pela Constituição com extrema autoridade podendo legislar através de decretos-leis. As greves são proibidas, os direitos individuais são suspensos, os estados passam a ser governados por interventores nomeados pelo presidente da República, perdendo assim a sua autonomia. Os sindicatos passam a ser vigiados e controlados pelas autoridades governamentais, tornando-se uma peça importante para manter a popularidade do ditador. Percebemos que Vargas procura ganhar sustentação para o Estado Novo junto aos trabalhadores, ampliando concessões trabalhistas, tentando atenuar os conflitos entre patrões e operários. Observamos pela fala de Álvaro Duarte de Alencar que:

“Getúlio Vargas pela política trabalhista que desenvolveu, passou a ser considerado pelo povo humilde como o seu grande protetor. Muitos o consideravam o “Pai dos Pobres”, e ele, procurando reforçar estes elementos de simpatia popular, começava, normalmente, os seus discursos públicos com a frase “Trabalhadores do Brasil...”. Todavia, a política trabalhista de Vargas, além de beneficiar o trabalhador, servia também a outros objetivos. Era um meio de controlar a classe operária, colocando o governo como mediador das questões entre patrão e empregado. Agindo dessa maneira, Vargas conseguia diminuir as tensões sociais entre o operariado, evitando que a classe trabalhadora se voltasse para os ideais comunistas”.⁶

6 ALENCAR, Alvaro Duarte de, *História do Brasil*, São Paulo, Ed. Saraiva, 1983, 6ª série, 1º grau, pp.84.

Reforçando nossa análise Joel Wolfe nos diz:

“Os vários tecidos da ideologia do Estado Novo incluem uma garantia do governo em geral e de Getúlio Vargas em particular, de que todos os cidadãos brasileiros, especialmente os trabalhadores, teriam acesso à justiça social. A promessa de melhores condições de trabalho, aumento de pagamento, proteção para as mulheres nas atividades industriais e igual representatividade para as classes populares através de seus sindicatos, eram partes integrantes do pacto social proposto pelo Estado Novo. E discursos após discursos, Vargas assegurava à camada trabalhadora serem todos os cidadãos iguais simplesmente pelo fato de serem brasileiros.”⁷

Outro recurso usado pelo estadista para conseguir o apoio popular foi os meios de comunicação, tanto os jornais como o rádio são poderosos instrumentos de propaganda. Getúlio estabelece um rígido controle sobre eles, proibindo qualquer crítica ao seu governo. Foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que se responsabilizava pela censura ao teatro, jornais, cinema, rádio e imprensa e, ao mesmo tempo, organizava uma programação que exaltava o chefe do governo

“... é possível hoje, com efeito, e é o que acontece, transformar a tranqüila opinião pública do século passado em um estado de delírio ou de alucinação coletiva, mediante os instrumentos de propagação, de intensificação e de contágio de emoções, tornadas possíveis precisamente graças ao progresso que nos deu a imprensa de grande tiragem, a rádio difusão, o cinema, os recentes processos de comunicação que conferem ao homem o dom aproximado ao da ubiquidade...”⁸

7 WOLFE, Joel – *Ver Vargas, A Nova Política*, pp. 37.

8 CAMPOS, Francisco. *Discurso em 1940*, Apud – Alcyr Lenharo, In: *Sacralização da Política*, pp. 39.

tripulantes do Itapetuba, navio afundado pelos alemães, 1942

TORPEDEADO UM NAVIO BRASILEIRO

O GLOBO

Duas vezes atingido por submarino alemão
O Itapetuba afundado

Novo atentado à navegação brasileira

GAZETA DE NOTICIAS

O torpedeamento do "Olinda"

Ação
e aérea

Diario Carioca

TORPEDEADO MAIS UM NAVIO BRASILEIRO

SUBMARINO ITALIANO
"ARABUTAN"

Desaparecidos ainda 53 tripulantes e 9 pescadores do "Cairu"

Poderá declarar o estado de guerra

A NOITE

PARTIDO AO MEIO O "CAIRU"!

Daremos
EXTRA

O afundamento de navios brasileiros, por submarinos alemães, levou Vargas a declarar guerra à Alemanha.

Nas escolas e nos livros didáticos, Getúlio é apresentado como o pai bom para os filhos brasileiros. Outro instrumento poderoso de propaganda foi a música. Mesmo submetida à censura, muitos compositores compunham suas músicas servindo aos interesses do governo. Dessa forma, Vargas conseguia manter-se no poder, eliminando seus inimigos e, ao mesmo tempo, manobrando para não perder apoio de seus aliados.

A Segunda Guerra Mundial veio abalar o poder de Vargas que, de início, procurou manter-se neutro, mas foi obrigado a tomar uma decisão devido as pressões sofridas. Em agosto de 1942, Getúlio se declara contra o Eixo e sua decisão é festejada até pelos seus adversários. Isto não faz com que a campanha em favor da democracia suavize, pelo contrário, com o fim da guerra aumenta muito os seus opositores. Vargas percebe que estava perdendo força, procura atrair os trabalhadores promulgando as leis trabalhistas, congela os aluguéis, decreta o primeiro aumento do salário mínimo. Mas, a situação do presidente estava insustentável. Compreendendo que era impossível manter a ditadura, Vargas inicia um processo de abertura política. Anuncia eleições para presidente e, ao mesmo tempo, convoca a Assembléia Constituinte. Determina o fim da censura à imprensa e também concede a anistia aos presos políticos e aos exilados. As eleições são marcadas para 02 de dezembro de 1945. Os partidos políticos que estavam proibidos de funcionar voltam a ativa e nascem novos partidos políticos.

Temendo que a força do movimento queremista e que Getúlio não deixasse as eleições se concretizar, a UDN – União Democrática Nacional – apela para o ministro da Guerra, Goiás Monteiro, e este consegue a adesão da Marinha e da Aeronáutica para depor Vargas. O presidente é deposto em outubro de 1945. Vargas volta para São Borja, mas mesmo assim interfere no resultado das eleições quando declara seu apoio ao general Dutra. Enquanto isso, Vargas elege-se senador pelo Rio Grande do Sul. No final do mandato de Dutra, a questão da sucessão presidencial agitava todos os partidos políticos. O PTB, o PSD e o PSP juntam-se apoiando a volta de Getúlio. Gegê (como era chamado por seus seguidores) volta vitorioso.

Logo depois de eleito, Vargas enfrenta seus adversários políticos e estes vão sendo neutralizados a medida em que o novo presidente oferece-lhes cargos nos ministérios. O seu principal objetivo nessa nova fase é o desenvolvimento e, para tanto, teria que intervir na economia. Suas propostas foram colocadas no Plano Nacional de Reaparelhamento Econômico, voltadas para a criação de novas fontes de energia, a ampliação da indústria de base, da rede de transportes e a introdução de técnicas avançadas na agricultura, entre outras. Essa política contrariava a burguesia comercial exportadora e importadora, que preferia manter o país no velho estilo de fornecedor de produtos agrícolas para o exterior e importador de mercadorias para o consumo

da população. De início, também os estrangeiros não viam com bons olhos a industrialização brasileira pois isso limitava as importações de industrializados.

Este é um dos fatores que podemos destacar como um importante abalo ao poder de Vargas. Outro que é relevante ressaltar é a inflação, que gerou muitos protestos e grandes greves. A crise política atingiu seu ponto máximo quando o jornalista Carlos Lacerda, grande adversário de Vargas, sofre um atentado onde seu guarda-costas morre. A imprensa explorou este fato intensamente ao saber que o autor do atentado fazia parte da guarda pessoal do presidente. Sem condições de se manter, Vargas reúne seu ministério na noite de 23 de agosto de 1954. Após ter-se negado a renunciar concorda apenas em tirar uma licença, recolhe-se em seus aposentos e na manhã seguinte dá um tiro no coração.

Quando o locutor do "Repórter Esso" informa a morte do presidente, o país é acometido de grande indignação e dor. O povo sai às ruas munido de paus, atacando os caminhões que entregavam os jornais adversários, a embaixada dos EUA foi atacada e apedrejada, os principais opositores de Vargas, entre eles Carlos Lacerda, viram-se forçados a fugir com medo da fúria do povo. Assim Getúlio sai da vida para entrar na história.

Após fazermos um pequeno histórico da vida política de Vargas e relacioná-la aos livros didáticos publicados entre 1975 e 1985 e a temática relacionada ao governo de Vargas destinadas ao ensino de 6ª a 8ª séries de

primeiro grau (hoje ensino fundamental), observamos que a ênfase dada a figura deste governante em sua maioria mitifica-o, ou seja, trata-o como um herói.

2.1 - Getúlio Vargas Sua Imagem “Criada” nos Livros Didáticos

Paulo Miceli, em sua obra *O Mito do Herói Nacional*, trabalha o tema do mito do herói e da necessidade que existe em preservá-lo na memória da nação. Diz ele:

“Tratar de heróis, como se vê, não é coisa fácil, pois - além de tudo - corre-se o risco de ferir sentimentos, provocar revoltas, repressão e até vingança, ainda mais quando o que se põe em cena é uma categoria especial de heróis: os heróis nacionais que mais do que respeito, acabam inspirando por motivos óbvios - até um certo receio (...). É preciso preservá-los em nome da nacionalidade que simbolizam e o glorificam, dizem solenemente biógrafos e políticos; é espanar o pó que cobre suas estátuas, menos do que procurar sua dimensão humana, é marchar com intenções apátridas e espúrias a retidão virtuosa com que (por nós) conduziram suas vidas especiais...”⁹.

9 MICELI, Paulo, *O Mito do Herói Nacional*, São Paulo, Ed. Contexto, 6ª Edição, 1997. pp.13



A criação da Companhia Siderúrgica Nacional (aqui em detalhe) foi uma importante vitória do **nacionalismo***, contra os interesses da Itabira Iron que pretendia manter o domínio no setor de siderurgia no Brasil.

Após analisarmos 12 livros didáticos de autores diversos, chegamos a conclusão que estas obras estão afirmando através da forma como são escritos, o pensamento de Paulo Miceli. O que nos parece é que estes autores, em seus livros, parecem estar sintonizados ideologicamente ao construírem o conhecimento histórico relacionado ao governo Vargas.

Esta unanimidade que podemos constatar nos livros didáticos de história referente a década pesquisada neste trabalho, com poucas variações, ao tratarem a temática estão sempre a contar suas benfeitorias, sua luta na melhoria em prol dos trabalhadores mas, ao mesmo tempo, buscando agradar a classe empresarial e a classe burocrática. Visto apenas por um olhar é considerado o “pai dos pobres” e visto por outro ângulo é também considerado a “mãe dos ricos”.

Mas, nos livros didáticos, a imagem do homem que lutou em prol dos direitos dos trabalhadores é forte. Não se faz referências às formas que, astuciosamente, utilizava em seus discursos buscando conquistar a confiança do povo brasileiro. Coloca-se sempre como um trabalhador, seus discursos iniciavam objetivando convencer e ir construindo um trabalhador nacional dentro dos padrões propostos por seu governo, como podemos exemplificar aqui por um trecho de seu discurso no dia 1º de maio no Estádio do Vasco da Gama em 2 de maio de 1951. Busca através de seu discurso convencer os brasileiros a despertarem um espírito nacionalista e patriota. “Preciso de vós

trabalhadores do Brasil, meus amigos, meus companheiros de uma longa jornada, (...). Preciso de vossa união, preciso que formeis um bloco forte e coeso ao lado do governo para que este possa dispor da força de que necessita para resolver os vossos próprios problemas...”.

Paulo Miceli comenta em sua obra a necessidade existente no homem de identificar-se e criar seus heróis e ídolos.

“Símbolo da esperança, um sentimento prevalece sobre todas as demais circunstâncias responsáveis pela consagração de um herói: a ilusão de que magicamente só ele pode fundir todas as múltiplas partes que compõem a realização de um ideal de libertação e emancipação do país, de uma classe social, de uma etnia, de grupos religiosos e de uma infinidade de instituições e agrupamentos sociais, criados e mantidos por interesses e intenções igualmente múltiplas e quase nunca transparentes”¹⁰.

Em nenhum livro analisado neste período existe sequer comentários sobre que Getúlio Vargas como “homem comum” que também cometeu erros, manipulou, utilizou-se de propagandas enganosas. Pois acreditamos que ao mostrar as duas faces ou as várias deste governante, o seu prestígio acabaria e os anseios e esperanças do povo brasileiro não teria em quem inspirar-se ou espelhar-se permanecendo desta forma, como símbolo e, através dos livros didáticos, é reforçada esta imagem.

10 MICELI, Paulo, O Mito do Herói Nacional, São Paulo, Ed. Contexto, 6ª Edição, 1997. pp.12

Partindo deste princípio não cabe discutir e por em questão sua imagem. O herói é herói e pronto. A sociedade não quis por muito tempo que sua imagem fosse denegrida. Em sua maioria, os heróis lutam por causas justas e têm um final trágico: a morte que, em geral, o mitifica. Com Getúlio, não poderia ser diferente e pressupondo que isto aconteceria deixa sua carta testamento escrita estas palavras: "Eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. (...) Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo a caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.". Conforme afirma Thomas Skidmore em sua análise sobre a carta:

"Autêntica ou não, a Carta Testamento foi imediatamente aceita como tal pelo povo. Terminara a indecisão de Getúlio entre uma política ortodoxa ou nacionalista. Sua carta – suicídio era o apelo nacionalista mais vigoroso que jamais fizera. (...) Na morte, como na vida, os atos de Getúlio foram cuidadosamente calculados para produzir o máximo de efeito político."¹¹.

11 SKIDMORE, Thomas, *Brasil: De Getúlio a Castelo*, Ed. Paz e Terra S.A, Rio de Janeiro, 1976, pp. 180.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A História é construída pelos homens e seus tempos, com interpretações e não com fatos, tal como as águas que sobem montanhas, ao invés de laçarem-se ao mar."

A Camus, L'été

Ao fazermos a análise de como Getúlio Vargas é apresentado nos livros didáticos não queremos denegrir sua imagem, mas refletir a forma que este conteúdo é demonstrado nos livros e o motivo deste proceder.

Sabemos que Getúlio Vargas foi um importante estadista. É enigmático, contraditório, complexo, revolucionário e líder de massas. No entanto, o que os livros didáticos fornecem aos alunos são apenas informações gerais e uma sucessão de fatos num tempo cronológico. O que na verdade percebemos é que não ocorre desta forma e, portanto, deve-se melhor analisá-lo. Ele não foi apenas um "bom moço"*.

* FARIA, Antônio Augusto, EDGAR, Luiz de Barros, *Getúlio Vargas e Sua Época*, 2ª edição, São Paulo, Ed. Global, 1983, pp. 90.

Nos dias de hoje, já existem livros didáticos que apresentam o período dos governos de Vargas buscando aproximar os alunos a outras fontes de pesquisa como: leituras de notícias de jornais da época, músicas, autores com posturas diferentes para análise, entre outras, procurando, com isso, desenvolver uma construção do conhecimento despertado através de uma visão crítica da história.

Cabe não só aos livros didáticos transmitir conhecimento aos alunos, mas, também, é de fundamental importância que o professor tenha consciência de sua autonomia e senso crítico que o próprio livro didático impede de desenvolvê-lo. Ainda neste paradigma, não é primordial saber datas e nomes importantes, além de ter um conhecimento superficial sobre o assunto estudado.

É necessário que as lacunas do livro didático sejam trabalhadas, aprofundando em outras pesquisas e em demais questionamentos e só a partir daí, desmistificar uma imagem ideológica impressa nas páginas desses manuais.

Espero também que esta análise tenha revelado que seu conteúdo não deve ser visto apenas como manifestações ideológicas das classes dominantes, porém de toda uma conjuntura das décadas que direcionam o processo educativo e os vários segmentos da sociedade.

O homem tem por necessidade buscar ídolos em todos os setores de sua vida, então o que podemos observar que esta ideologia das classes dominantes está embutida de “desejos” e vontades “populares” e esta é uma condição inerente e superior à razão. Ao verificar este fato é importante refletir e levantar alguns questionamentos que poderão ser futuramente desenvolvidos em outros trabalhos.

É interessante observarmos que os critérios utilizados pelos professores de História, ao longo do tempo, vão se modificando a partir das discussões e de compreensões que surgem.

Assim, hoje, seria importante observar que nas universidades já existem preocupações relacionadas a esta temática nas chamadas didáticas, numa tentativa de buscar novos aperfeiçoamentos, critérios mais voltados para a realidade escolar, conforme as reais necessidades existentes.

Por fim, não temos a pretensão de apresentar respostas definitivas aos questionamentos feitos nesta monografia. Contudo, o importante aqui é deixarmos claro que como historiadores sabemos que existem vários caminhos a seguir e que a história está numa eterna construção e, portanto, são nossas vivências, visões de mundo diferentes que interferirão nas metodologias utilizadas para a escolha do livro a ser adotado.

Cabe a nós, historiadores, buscarmos construir um conhecimento histórico compatível com a realidade vivida por nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Didáticos

- ALENCAR**, Alvaro Duarte de, *História do Brasil*, São Paulo, Ed. Saraiva, 1983, 6ª série, 1º grau, pp.84.
- ALENCAR**, Alvaro Duarte de, *História do Brasil – Evolução Econômica Política e Social*, edição reformulada, São Paulo, Ed. Saraiva, 6ª série, 1º grau, 1983.
- DANTAS**, José, *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Moderna, 1º grau, 1984.
- GOMES**, Paulo Miranda, *História do Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Lê, v.2, 6ª série 1º grau, 1979.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de, *História do Brasil – 2 Da Independência aos Nossos Dias*. Curso Moderno, Col. Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, Ed. Nacional, 1º grau, 1975.
- HOSHIBA**, Luis, PERREIRA, Denise Manze Frayze, *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Atual, 1979.
- HOSHIBA**, Luis, PERREIRA, Denise Manze Frayze, *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Atual, 3ª edição, 1980.

LUCCI, Elian Alabi, *História do Brasil: O Império, A República e O Brasil Contemporâneo*. PAI – Processo Auto-Instrutivo, São Paulo, Ed. Saraiva, v.2, 1º grau.

MATTOS, Ilmar Rohloff de, **DOTTORI**, Ella Grinsztejn, **SILVA**, José Luís Werneck da, *Brasil Uma História Dinâmica*, São Paulo, Ed. Nacional – MEC, v.2, 1º grau, 1975

MORAES, Ana Maria de, **RESENDE**, Maria Efigênia Lage de, *História Fundamental Do Brasil: Estudo Dirigido e Pesquisa*, São Paulo, Ed. Pioneira, 6ª Série, 1º grau 8ª ed., 1979.

NADAI, Elza, **NEVES**, Joana. *História do Brasil: 2 Brasil Independente*, São Paulo, Ed. Saraiva, 6ª ed., 1º grau, 1988.

ORDONEZ, Marlene, **SILVA**, Antônio Lulz de Carvalho e. *História do Brasil*, São Paulo, Ed. Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas Ltda., 6ª Série, 1975.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de, *História Fundamental do Brasil: Estudo Dirigido e Pesquisa*, Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares S.A, v.2, 5ª ed., 6ª Série, 1º grau , 1975.

VALUCE, Ládmo. *História do Brasil – Ensino de 1º grau*, São Paulo, Ed. Do Brasil, 1975.

Paradidáticos

BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues, *Nos Tempos de Getúlio – Da Revolução de 30 ao fim do Estado Novo*. Ed. Atual, São Paulo, 1990, pp. 33 e 44.

COLTED, O Livro Didático – *Sua Utilização em Classe*, MEC, Rio de Janeiro, 1969, pp. 182.

COLTED, O Livro Didático – *Sua Utilização em Classe*, MEC, Rio de Janeiro, 1970. pp. 31

DAVIES, Nicholas. *O Livro Didático de História: Ideologia Dominante ou Ideologias Contraditórias?*. In: Caderno de História, Uberlândia: Edufu, v.5, nº 5, jan/dez. 1994, pp. 30.

FRANCO, Maria Laura P. B, *O Livro Didático e História no Brasil: A Versão Fabricada*, São Paulo, Global Editora, 1982.

MICELI, Paulo, *O Mito do Herói Nacional*, São Paulo, Ed. Contexto, 6ª Edição, 1997. pp.13

PERES, Maria Abadia, *O Livro Didático em Discussão*, ano 2, Uberlândia, Revista do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, jan. 1995, pp. 20.

Base Teórica

CAMPOS, Francisco. "Discurso em 1940", Apud – Alcyr Lenharo, In: Sacralização da política, pp. 39.

CHAUÍ, Marilena de Souza. : *O Que é Ideologia*. 11ª edição. Ed. Brasiliense. (cidade), 1982, pp. 17 e 20.

- ELIAD**, Mircéia. *Mito e Realidade*, São Paulo, Ed. Perspectiva S.A, 1972.
- FARIA**, Ana Lúcia G. de, *Ideologia do Livro Didático*, São Paulo, Ed. Cortez, 1984.
- FONSECA**, Rubem. *Agosto (Romance)*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras 3ª ed., 1993.
- ORTIZ**, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 5ª Ed., 1994.
- SKIDMORE**, Thomas, *Brasil: De Getúlio a Castelo*, Ed. Paz e Terra S.A, Rio de Janeiro, 1976, pp. 180.
- VIEIRA**, Maria do Pilar Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, AUN, Yara Maria, KHOURY. *A Pesquisa em História*, São Paulo, Ed. Ática, 2ª ed., 1991.
- WOLFE**, Joel – *Ver Vargas, A Nova Política*, pp. 37.